

Proletários de Todos os Países: UNI-VOS!

# Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GES  
PCP

## O SALAZARISMO ESTÁ EM CRISE!

Como se salientou na última reunião do Comité Central do P. C. P., o regime salazarista está em crise. Em cada dia que passa se torna mais clara para muitos salazaristas a falência da política interna e externa do governo de Salazar como regime político. Daí certa desagração que se começa a verificar nos fileiras da «União Nacional» e da «Legião Portuguesa», desagração que tem o seu origem no agudizar das contradições existentes entre os vários grupos sociais que tem apoiado o regime. Essas contradições aparecem numa forma bem evidente, no decorrer do recente Congresso da «União Nacional», em virtude de problemas tão importantes como a concentração da riqueza nas mãos do capital monopolista, a subsistência e concentração da grande propriedade agrícola, a supressão do sufrágio directo e sua substituição pela «representação corporativa», a liberdade de imprensa, etc.

O discurso de Salazar, quando da inauguração do Congresso da «União Nacional», é mais expressivo por aquilo que não diz, do que por aquilo que diz. Não foi por acaso que Salazar fugiu a abordar certos problemas nacionais e se limitou a focar a situação política internacional na sua generalidade—motivo também de apreensões para os salazaristas. É que o governo de Salazar conduziu o nosso país para uma situação sem outra saída que não seja a própria negação de toda a sua política anti-democrática e anti-nacional, quer no plano interno quer externo.

### A falência da política interna e externa de Salazar

NO PLANO INTERNO, a política do governo de Salazar travou o progresso económico e cultural do país, agudizou espantosamente as condições de vida das classes trabalhadoras, arruinou as classes médias e favoreceu unicamente o grande capital monopolista nacional e estrangeiro assim como o alto funcionalismo civil e militar adépto do Estado Novo. A descriminação política, mais odiosa, a imoralidade mais revoltante na administração pública, a ausência das mais elementares liberdades democráticas, a repressão violenta e ilegal contra os democratas e patriotas criou no nosso país um ambiente de ódio e de guerra civil, entre portugueses contra portugueses. Aquelas pessoas que inicialmente tiveram ilusões sobre o regime salazarista e que esperaram dele a solução de certos problemas que as interessavam, desiludiram-se durante estes últimos 20 anos do verdadeiro rosto do regime salazarista, verificando que ele só serve os interesses dum escassa minoria de grandes especuladores, banqueiros industriais, mercadores e comerciantes.

NO PLANO EXTERNO, Salazar colocou a política portuguesa no resto da política dos imperialistas e fomentadores de guerra norte-americanos, eles mesmos, divorciados da grande massa da nação americana. Salazar jogou na carta da reacção internacional e contra as numerosas e poderosas forças pacíficas e democráticas de todo o mundo. Por isso mesmo, a política externa salazarista ficou de antemão condenada a um fracasso completo, pois nunca teve em linha de conta a vontade de Paz do povo

português e dos outros povos. Apesar da propaganda histórica da imprensa diária salazarista (com notícias cozinhadas pela ANI), da rádio e de outras formas de informação dominadas pela censura e pelo governo, começa a aparecer claramente para uma grande parte do povo português que o governo de Salazar, jogando na carta do imperialismo e da guerra, e colaborando com a política americana, que tentou baldadamente isolar do resto do mundo a União Soviética e os outros países do campo pacífico e democrático, nada mais fez do que isolar o nosso país desse vasto campo. ISTO PREJUDICA MAIS O NOSSO PAÍS DO QUE OS POVOS DA UNIÃO SOVIÉTICA E DAS DEMOCRACIAS POPULARES.

### O fracasso da política salazarista reside no seu carácter reaccionário

Só agora Salazar reconhece publicamente que, graças aos esforços da União Soviética e de outros Estados pacíficos, o mundo entra numa fase de coexistência pacífica, o que representa a falência de toda a sua política externa baseada na guerra. Só agora Salazar reconhece que os esforços da União Soviética e dos outros países pacíficos e democráticos «modificaram o plano em que a política ocidental» (leia-se política americana) «estava a ser conduzida», que a política de guerra fria e das posições de força foi condenada a um fracasso estrondoso e isolou os seus fomentadores, e tirou os seus figura o seu próprio governo. Porém o ódio de Salazar aos povos democráticos e à sua obediência servil à política norte-americana

## OS AMERICANOS PRETENDEM ALARGAR O SEU DOMÍNIO NO ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES!

Termina a 6 de Setembro deste ano o escravizador acordo luso-americano que concedeu aos Estados Unidos bases aéreas em território português (Lagens, Santa Maria, etc.) nas ilhas dos Açores.

Quando por toda a parte os governos patrióticos procuram libertar os seus países do domínio militar norte-americano; quando países como a Islândia, a

Dinamarca, o Egipto, a Indonésia, etc., convidaram o governo americano a retirar as suas tropas e material de guerra do seu território nacional ou encaminham a sua política dentro destes objectivos patrióticos, quando por toda a parte se fala de desarmamento e da redução das despesas militares, em Portugal o governo de Salazar mostra-se disposto a deixar reforçar o domínio norte-americano sobre importantes pontos estratégicos do território português, como o comprova a ampliação do aeródromo de Espinho, sob a direcção dos americanos e sendo as empresas construtoras, empresas americanas (jornais de 20-6-56).

Segundo noticiaram os jornais de 19 de Junho, o governo norte-americano, vendo-se obrigado a abandonar as suas bases militares na Islândia por pressão do governo daquele país, resolveu negociar com o governo português, um novo acordo para a cedência de bases aéreas no Arquipélago dos Açores, SUPRINDO COM, ESTAS A PERDA DE POSIÇÕES NA ISLÂNDIA.

O exemplo da Islândia e dos outros países deve ser seguido por nós portugueses. Só a intensificação do esforço comum de todos os portugueses patriotas, na defesa da integridade do território nacional e da soberania portuguesa, poderá forçar o governo de Salazar a resgatar as bases aéreas cedidas aos norte-americanos nos Açores e a servir os interesses nacionais. Nós portugueses não queremos novas cedências nem mais acordos atentórios da soberania nacional!

Que Portugal pertença aos portugueses!

## O 16 DE MAIO JORNADA DEMOCRÁTICA DO POVO DE AVEIRO!

A Revolução de 16 de Maio de 1828 foi um grito de revolta contra o absolutismo dos Miguelistas que, tal como hoje os salazaristas, faziam reinar no país um regime de opressão e terror. Os mártires de 16 de Maio de 1828 foram por isso dignamente recordados pelos democratas e liberais de Aveiro.

No Cine Teatro Aveirense realizou-se um jantar de confraternização democrática ao qual estiveram presentes mais de 400 pessoas entre os quais representantes das democratas de Lisboa, Porto, Coimbra, Santarém, Leiria, etc. Nos discursos pronunciados, foi exaltada a liberdade e a Democracia, e todos os presentes expressaram o desejo de que a unidade de todos os democratas portugueses seja em breve uma realidade para bem do nosso povo.

Da parte da manhã muitos grupos de pessoas depositaram flores nas campas dos liberais de Aveiro enforcados pelos Miguelistas.

No dia 17, o Dr. Jaime Cortezão realizou uma conferência inthelencendo o significado da data liberal, a que assistiram cerca de 300 pessoas, tendo a sessão sido aberta pelo neto de um dos justicados do 16 de Maio.

Como medida de intimidção, a PIDE prendeu na véspera o operário José Ferreira da Comissão Organizadora, facto contra o qual todos protestaram.

prío congresso da «União Nacional» o cónego Urbano Duarte condenou a censura como contrária à cultura e pediu a liberdade de imprensa, no que foi contraditado pelos congressistas mais reaccionários. A realidade dos factos, pela boca dos próprios salazaristas; se encarrega de desmentir a propaganda fascista dos «30 Anos de Cultura». São eles mesmo que contactam a crise cultural e moral que o nosso país atravessa, como consequência dum política de compadrios, de intrigas, de provocações e perseguições policiais elaborada pela camarilha salazarista durante estes longos 30 anos de regime fascista.

## A CRISE DA CULTURA NACIONAL — SÃO ELES QUE O DIZEM...

Salazar, num discurso às comissões dirigentes da «União Nacional», em Janeiro deste ano, perguntava a si mesmo se a Nação se tinha elevado moral e materialmente durante estes 30 anos de ditadura e se não haveria «um eclipse da inteligência portuguesa». Veio depois, com os discursos de 28 de Maio, toda a propaganda salazarista com a exposição dos «30 Anos de Cultura» e conferências, representações teatrais, programas da rádio, etc., para tentar demonstrar que não há crise cultural, que não há um eclipse da inteligência portuguesa» como consequência do regime vigente.

Muitos artistas, escritores e compositores portugueses recusaram-se a participar com as suas obras nas exposições, recitais e programas elaborados pela propaganda salazarista, pois não quiseram participar numa burla, não quiseram colaborar com os piores inimigos da cultura portuguesa. Mesmo assim, algumas das obras expostas, das peças representadas, etc., nas comemorações dos «30 Anos de Cultura» são da autoria de cientistas e de artistas democratas e foram apresentados sem sua autorização, tendo alguns deles exigido que as suas obras fossem retiradas da referida

exposições. Estes artistas e cientistas têm visto a sua obra mutilada pela censura salazarista e sentem-se asfixiados no ambiente de pressões, represálias e perseguições policiais que o salazarismo lhes criou. Esta situação foi agora publicamente apontada por escritores ilustres como Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, António Sérgio e outros.

Mas mesmo entre os próprios salazaristas surgem vozes discordantes, aparecem agora mesmo pessoas a pôr a nu a mentira dos «30 Anos de Cultura». Assim é que o deputado Dr. Gelsino Tavares focou com justeza na tribuna da «Assembleia Nacional» a terrível crise que atravessa o teatro e a música portuguesa, aludindo concretamente à «grave crise musical e teatral portuguesa», ao mesmo tempo que salientou que é preciso «estimular e congregar todos os valores nacionais» e «bair o predominante espírito de intriga, por vezes de pura maledicência e provocação, de modo a atrair em vez de desclassificar» (jornais de 15-6-56). Por outro lado, o realizador de cinema Leão de Barros, numa conferência no SNI, aludiu à morte do cinema «heróico» e ao «suicídio do cinema comercial» português (jornais de 14-6-56). No pró-

## GREVES NA FÁBRICA DE EXPLOSIVOS DA AMORA!

Já se conhece a origem da nova explosão na fábrica de explosivos da Cruz do Pinheiro (Amora), que em 5 de Maio roubou a vida a 5 operários e feriu 20. O governo fez grandes encomendas de explosivos e os patrões obrigam os operários a trabalhar a ritmos acelerados e sem as necessárias medidas de segurança.

Como diz o manifesto da Organização Regional da Margem Sul do Partido Comunista, «o desastre deu-se porque a máquina que misturava a gelamonte trabalhava mais do que o normal, dando ao aço a que os materiais se inflamam sem. Era tão grande o excesso de produção que as mesas das secções chegavam a ter 3.000 quilos de explosivos em vez de terem só 200 como manda a lei».

Indignados com a falta de segurança no trabalho, no dia 8 de Maio só 50 operários dos 200 que conta a fábrica compareceram ao trabalho e, esses mesmos, dirigiram-se à gerência declarando que não trabalhariam em sinal de luto e que reclamavam mais condições de segurança e melhores salários. No dia 9 compareceram 100 operários. Mas

como a gerência tivesse despedido um operário, os 100 operários fizeram greve, dizendo que não trabalhariam enquanto o operário despedido não fosse readmitido, o que conseguiram passado meia hora. No dia 5 de Junho, ao passar um mês sobre a morte dos seus camaradas de trabalho, os 200 operários paralizaram o trabalho em sinal de luto, fazendo um minuto de silêncio.

Ante a firmeza e unidade dos operários desta empresa, o patronato viu-se obrigado a fazer algumas concessões. Assim é que os salários foram aumentados no dia 9 de Junho em mais 2\$00 por dia, que o rancho da cantina foi melhorado e foi melhorada a assistência ao pessoal. No entanto os parigos de novas explosões continuam a subsistir, pois que a fábrica continua a trabalhar a ritmos anormais para satisfazer certas encomendas.

Lavra o maior descontentamento entre os trabalhadores desta empresa, que se mostram dispostos a continuar a lutar por mais segurança no trabalho, por melhores salários e para que sejam concedidas pensões às famílias das vítimas da explosão.

## TRÊS FILHOS DO POVO PORTUGUÊS VÍTIMAS DA REPRESSÃO SALAZARISTA

Nesta segunda metade de mês de Junho passa o aniversário da morte de três filhos do povo português que foram vítimas da repressão salazarista.

A 20 de Junho de 1936 morreu na Fortaleza de Angra do Heroísmo o militante comunista e operário vicário da Marinha Grande, FRANCISCO CRUZ, vítima dos maus tratos na polícia e dum longa permanência nas prisões salazaristas.

A 21 de Junho de 1947 foi assassinado pela PIDE o militante comunista e camponês oleiro JOSÉ ANTONIO PAULEIA. Este valeroso defensor dos trabalhadores rurais alentejanos preferiu dar a vida a trair os seus

companheiros de luta e o seu Partido.

A 25 de Junho de 1948 faleceu o grande patriota e cientista português BENTO CA RACIA, obreiro incansável da unidade dos democratas portugueses e militante destacado do Partido Comunista Português. A vida e obra científica de Bento Caraca são uma fonte inspiradora da jovem geração. A vida preciosa de Bento Caraca foi encurtada pela repressão salazarista, visto que a sua doença de coração foi agravada com as prisões e perseguições policiais.

Foram três vidas consagradas à causa do povo, que o inspiram nas suas lutas e que ela não esquecerá mais

ALVARO CUNHAL TEM CUMPRIDA A PENA A QUE FOI CONDENADO! SÓ A NOSSA LUTA O PODERÁ LIBERTAR!

FRANCISCO MIGUEL TEM HA MUITO CUMPRIDA A PENA E A SUA VIDA CORRE PERIGO! SÓ A NOSSA LUTA PODERÁ FORÇAR A POLÍCIA E O GOVERNO A LIBERTÁ-LO E SÓ ASSIM PODEREMOS EVITAR A SUA MORTE NAS MASMORRAS SALAZARISTAS!

SÓ A LUTA DE TODOS OS PORTUGUESES DE CORAÇÃO CONTRA A REPRESSÃO SALAZARISTA E POR UMA AMPLA AMNISTIA PODERÁ RESTITUIR A LIBERDADE PATRIÓTICA QUE SE ENCONTRAM PRESOS HA 7 E 8 ANOS E COM AS SUAS PENAS CUMPRIDAS HA MUITO!



# É POSSÍVEL FAZER SUBIR OS SALÁRIOS!

## LUTAM OS OPERÁRIOS E EMPREGADOS

Depois do aumento de 15% dos trabalhadores da CUF do Barreiro, já anunciado no «Avante!», este mesmo aumento tornou-se extensivo AOS TRABALHADORES DA CUF DE LISBOA E DE TODAS AS EMPRESAS DAS CONSTRUÇÕES NAVAIS DE LISBOA, num total superior a 15.000, em consequência da luta dos operários destas empresas.

O aumento de 15%, apesar de não satisfazer os operários, pois o custo de vida atingiu nos últimos tempos uma percentagem muito mais elevada, foi já uma importante vitória e um estímulo para continuarem a lutar por um aumento de harmonia com o custo de vida.

OS TRABALHADORES DO PORTO DE LISBOA, continuando a sua luta, dirigiram recentemente uma exposição ao Ministro das Corporações assinada por mais de mil trabalhadores, reclamando um aumento de 50% nos seus salários. Nesta reivindicação estão unidos os estivadores, os descarregadores e o pessoal do tráfego.

NA MARINHA GRANDE, após várias reclamações e concentrações no sindicato do pessoal vidreiro, e nas quais se tem destacado as mulheres trabalhadoras, e após constantes reclamações, os operários de algumas empresas já começaram a ser aumentados de 25\$0 a 55\$00.

NA C.I.P. os patrões, de colaboração com os operários, concordaram com o mínimo vital de 44\$00 para fazer face ao actual custo de vida.

OS CUTILEREIS DE GUIMARÃES, apoiados pelo seu sindicato, enviaram ao Ministro das Corporações e à Assembleia Nacional uma exposição com mais de 400 assinaturas, reclamando contra os salários de fome.

NA CARRIS DO PORTO, os trabalhadores continuam a luta pela melhoria da sua situação. Uma comissão, avistou-se com o deputado Urgel Horta, pedindo-lhe que apresentasse a situação de miséria dos trabalhadores da Carris, na Assembleia Nacional. Pressionado pelos trabalhadores, a Direcção do sindicato avistou-se com o Ministro das Corporações, junto de quem defendeu as reivindicações da classe.

OS BANCÁRIOS DO PORTO, continuando a luta por aumento de salários, tem

enviado ao Ministro das Corporações muitas telegramas com centenas de assinaturas, reclamando o aumento e apoiando as diligências da direcção do seu sindicato.

Em muitas outras empresas, de Norte a Sul do país, a classe operária luta contra os salários de fome que de modo nenhum lhe permite fazer frente à vida cara e à situação de miséria em que se debatem. Recorrem para isso às formas de luta mais variadas, as quais vão desde as reclamações e concentrações junto dos seus sindicatos, dos patrões e do Ministério das Corporações, até à redução da produção e pequenas paralizações, quando o patronato e o governo tardam a satisfazer as suas justas reclamações.

Os exemplos da CUF, Construções Navais de Lisboa, C. I. P. e outros, mostram que os patrões podem aumentar os trabalhadores e que estes conseguem ver salteadas as suas reivindicações mais prementes, na condição de forjarem a sua Unidade e de se manterem unidos até à vitória.

## TRIBUNA DOS LEITORES DO "AVANTE!"

A EXPLORAÇÃO NA CASA SOREFAME (AMADORA)

Nesta fábrica pratica-se a maior exploração de todos os tempos. Metem aprendizes com 16 e 20 anos de idade a ganhar 4\$00 e 15\$00 em 9 horas de trabalho e quando vão trabalhar para fora, por conta da casa, vão com o salário de 50\$00 por dia, mas este é para o patrão. E diz o director, que se chama Francisco Malheiros, «nesta casa os operários ganham muito dinheiro»...

Sabem, camaradas, quantas horas se trabalha por semana? Para ganharmos um salário, que não chega para matar a fome, 64 horas de trabalho! É com os lucros dos salários dos operários que os directores ganham 20 e 30 contos por mês e compram prédios e automóveis.

Camaradas: é preciso estarmos cada vez mais unidos contra os sugadores do nosso sangue.

Operário

NA FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA

A Faculdade de Letras de Lisboa é um barracão velho onde os corredores, divididos por paredes, funcionam como salas de aula. Mesmo assim, não há mais de sete para quase um milhar de alunos, que são obrigados a assistir às aulas de pé, encostados às paredes, sentados nos parapeitos dos janelos e no chão e a escrever sobre os joelhos. Não podendo trabalhar proveitosamente nestas condições, muitos alunos perdem o ritmo do estudo.

Os professores lutam com enormes dificuldades para cumprir a sua missão e alguns já se manifestaram contra as condições de trabalho que lhes são impostas: falta de salas, aulas apinhadas, biblioteca sem livros e em confusão, tectos que ameaçam ruína, chuvia que cai dentro, etc.

Isto, porque o Ministério da Educação, ao contrário do que sucede nos outros países, é dos mais mal dotados no Orçamento do Estado.

Um Estudente

## PROSSEQUE A LUTA DOS CORTICEIROS

Continuando a sua luta pelo aumento de salários e pela revisão do «Despacho» de 1946, os operários corticeiros levaram a cabo novas acções junto do patronato, das autoridades e dos Sindicatos. Assim, em fins de Maio, uma comissão de 12 operários e operárias, em representação dos corticeiros do MONTIJO, BARREIRO, ALMADA, SEIXAL, AMORA e ALHOS VEDROS foi a Selúbal, pedindo para ser recebida pelo delegado do I.N.T. Como não conseguiram o seu intento, resolveram ir a Lisboa, afim de exporem a sua situação ao ministro das Corporações. Foram recebidos pelo secretário do ministro, Dr. Costa Dias, que embora reconhecendo a justeza das reclamações, não deu andamento aos pedidos dos trabalhadores e os remeteu para o Sindicato.

Na fábrica PABLO & TAVARES (Montijo), cerca de 300 operários desta empresa concentraram-se junto dos escritórios, na última semana de Maio, pedindo para que o patrão os recebesse afim de tratarem do aumento de salários. Como o gerente qu-

zesse atender somente um de cada vez, todos os operários resolveram aguardar a sua saída. Quando o gerente se preparava para sair, TODOS OS TRABALHADORES O BODIARAM, reclamando o aumento dos salários. Atirapalhado com a decisão dos trabalhadores e gaguejando, o gerente prometeu-lhes examinar a questão no dia seguinte. Os operários da PABLO & TAVARES aguardam a satisfação dos seus pedidos e mostram-se dispostos a voltar à carga até que sejam atendidos.

Na fábrica da INFAL (Montijo) cerca de 200 operários ENTRARAM PELO ESCRITÓRIO DA EMPRESA reclamando as férias a que têm direito e o pagamento das que não lhes foram pagas nos anos anteriores e mais 5 minutos de tolerância para a entrada do pessoal de turnos. AS RECLAMAÇÕES DESTES OPERÁRIOS JÁ FORAM ATENDIDAS E ELES JÁ COMEÇARAM A GOZAR AS FÉRIAS.

Na MUNDET (Amora), cerca de 230 operários e operárias recusaram-se a fazer horas extraordinárias para pagamento do feriado de 31 de Maio e, na semana seguinte, mais de 100 operários e operárias voltaram a recusar-se a fazer as horas extraordinárias, MOTIVO PORQUE A GRENÇA SE VIU FORÇADA A PAGAR O FERIADO.

No mês de Maio OS OPERÁRIOS CORTICEIROS DE FARO concentraram-se em número de 100 por duas vezes no Sindicato para saber o que havia quanto ao aumento de salários. Pressionada pelas mássas a direcção do Sindicato deslocou-se a Lisboa, ao I.N.T., onde lhe prometeram o aumento dos salários para breve.

## LUTAM

### OS CAMPONESES

Os trabalhadores rurais estão conduzindo através de todo o Alentejo numerosas lutas, muitas delas vitoriosas, por melhores jornadas nas ceifas. A unidade e combatividade dos operários agrícolas alentejanos conseguiu obter em alguns pontos jornas de 45\$00 nas ceifas do trigo.

EM BALEIZÃO, ALCÁÇOVAS, ESCOURAL, BOA FÉ, MONTE-MOR-O-NOVO, etc. as jornadas foram de 40\$00 a 45\$00 por dia para os homens.

EM VALE DE VARGO, ALDEIA NOVA, PIAS, SOBRAL DA ADIÇA, etc. as jornadas foram de 35\$00 para os homens e de 22\$00 para as mulheres.

A unidade dos rurais alentejanos fez-se sobretudo nas praças de jornal, verificando-se em algumas localidades grandes concentrações, como por exemplo em MONTE-MOR-O-NOVO (400), ESCOURAL (200), EVORA (500), etc.

Once houve falta de unidade e ausência de luta, os grandes agrários aproveitaram-se dessa situação para estabelecer jornadas de fome, como sucedeu em FICA: LHO (19\$00 os homens e 15\$00 as mulheres), Serpa (18\$00 para os homens, etc.). Por outro lado o regime das empreitadas serviu para o patronato, em algumas localidades, estabelecer jornadas muito baixas.

A experiência deste ano mais uma vez veio comprovar que já onde os trabalhadores se mantiverem unidos e firmes em luta de jornadas melhores, essas jornadas foram alcançadas, como o testemunham os exemplos de Alcáçovas, Escoural, Montemor-o-Novo, etc. Esse é o caminho que se apresenta a todos os trabalhadores rurais na defesa dos seus justos interesses.

# O QUE O POVO COME E O QUE O POVO NÃO PODE COMER

Quando o nosso povo diz que há falta de géneros alimentícios, diz-lo com razão. Pois os altos preços de certos produtos representam o seu racionamento para as classes pobres. Tudo aquilo que se vende por preços incompatíveis com o débil orçamento das classes laboriosas do País é para elas como se não existisse no mercado.

Gente do nosso povo se vai ao talho uma vez por semana, é para comprar carne da mais barata, os ossos para o caldo. O peixe subiu a tal preço que escasseia em casa, o bacalhau que pode comprar é de péssima qualidade. Come hortaliças das mais inferiores porque às outras ninguém lhe chega. Criação, só em dias de boda ou baptizado. Até os camponeses, se criam alguma galinha, vendem-na para comprar a bata que o filho precisa de levar para a escola, ou os remendos para a andaina do trabalho. De que lhe vale ir à loja e ver os montes de latas de conservas, desde o salmão à modesta sardinha, toda a espécie de carnes, de legumes, de condimentos como os pickles e a mostarda, se nem sequer pode provar essas iguarias?

Na loja compra o pior bacalhau, as batatas bichocas e o feijão colonial, a massa que sabe a azedo, a farinha para as papas, o grão e a castanha, azeitonas e vinagre

como aperitivos. Para o menino que está doente, vão cem gramas de bolacha da mais barata. Bolos ou pastéis, chocolates ou caramelos, doces de ovos e frutas secas, são para as bocas de bolsa rica. Até o mel das laboriosas abelhas lhe é proibitivo. Doçura para o povo, é o açúcar amarelo a temperar a cevada torrada fingindo café sem leite, que esse, quando o há, é reservado às crianças. Nem mantega nem queijo, e a fruta só a vista lhe pousa em cima.

Como bebida, vai à fonte, ou tira água da torneira, que o vinho só por conta e medida. Corvela, vinho espumoso, licores, vinho do Porto ou da Madeira, não pode comprar, não vale quase a pena saber que essas coisas existem.

Tudo o que o nosso povo come é por razão, que os ganhos não dão para saciar a fome. Resultado bem evidente: as crianças são atrofiadas e raquíticas, os adolescentes tuberculosos ou candidatos, os adultos cheios de enfermidades e morrendo a meio termo da vida normal do homem, os velhos farrapos humanos.

Este angustioso panorama que oferece o nosso país, foi já ventilado na «Assembleia Nacional» e levou o deputado Dinis da Fonseca a dizer em 10-12-55 ser o estado

de subalimentação de tal gravidade que «está conduzindo à degenerescência biológica os descendentes de longas gerações de robustos trabalhadores!»

Pois mesmo em face deste gravíssimo problema, o governo salazarista continua a fomentar o abarratamento dos cofres das grandes empresas capitalistas e os bolsos dos banqueiros, industriais e agrários monopolistas, ao mesmo tempo que facilita o escoamento para o estrangeiro das riquezas do País e que mantém ou agrava o sordido curso das despesas de carácter militar e improdutivo.

O nosso povo precisa e quer ter um governo que saiba administrar o País em benefício das classes laboriosas, que são a grande massa da Nação, e não para proveito duma escassa minoria de privilegiados, de grandes tubarões da finança. É isto que exige o interesse nacional e que impõe a dignidade humana.

## COMEMORARAM O 1.º DE MAIO

### OS TRABALHADORES PORTUGUESES

Vencendo a repressão fascista a classe operária portuguesa celebrou a jornada internacional dos trabalhadores, associou-se às manifestações dos seus irmãos de classe em todos os países do mundo. Até agora temos notícia das seguintes manifestações.

LISBOA — Apesar da presença da PIDE, nas oficinas da Companhia Nacional de Navegação não se trabalhou. Na empresa Caraqueiro & Teixeira o pessoal não trabalhou nesse dia. Também em outras empresas de construção civil o pessoal não trabalhou no dia 1.º de Maio. Numa empresa da zona oriental de Lisboa grande parte dos operários juntaram-se à licra do almoço e fizeram do significado do 1.º de Maio, fazendo em seguida um minuto de silêncio em homenagem aos que caíram nas lutas deste dia. Também em duas empresas da Venda Nova os operários comemoraram o 1.º de Maio.

COVILHÃ — Nesta cidade o 1.º de Maio foi também largamente festejado. Muitas fábricas não trabalharam e nalgumas os patrões pagaram o dia aos operários. Na fábrica Alçada o patrão não deu feriado e como protesto muitos operários apreeceram nesse dia a trabalhar de gravata preta e descontentes, dizendo cu: não havia direito dos obriguarem a trabalhar nesse dia.

TORTOZENDO — O 1.º de Maio foi lar-

gamente comemorado neste centro industrial, não tendo trabalhado 13 fábricas num total de perto de 500 operários. Só 3 fábricas trabalharam.

ÁGUEDA — Quase todas as fábricas desta vila não trabalharam no dia 1.º de Maio. Na serralharia J. Silva & C.ª houve um almoço de confraternização com mais de 150 operários e na fábrica da Cortagem houve um outro almoço onde os operários deram vivas ao 1.º de Maio. Várias fábricas e oficinas de bicicletas foram embandeiradas e ornamentadas com verduras e houve almoços de confraternização.

PORTO — Numa empresa metalúrgica foi lida uma saudação pelo 1.º de Maio perante todos os trabalhadores à hora do almoço, que foi muito bem recebida.

Também em VALE DE VARGO, ALJUS, TREL, PIAS, BALEIZÃO, BENVILVA, MONTE-MOR-O-NOVO, MONTIJO, SOUSEL, GRANDOLA, S. TIAGO DO CACÉM, SINES e muitas outras localidades os operários industriais e agrícolas comemoraram a jornada do 1.º de Maio com concentrações, cantares, vivas, minutos de silêncio, etc.

Desta forma fica provado que a repressão fascista é impotente para evitar que os trabalhadores portugueses comemorem uma jornada que lhe é querida, que está estreitamente ligada à sua vida presente e futura.

## O SALAZARISMO ESTÁ EM CRISE!

(continuado da 1.ª pág.)

combatividade e o alargamento e reforçamento das fileiras das forças democráticas da oposição anti-salazarista. Os esforços empreendidos pelo Partido Comunista no sentido da unificação de todos os anti-salazaristas num só bloco eleitoral em volta dum programa mínimo, e desse bloco apresentar candidatos a deputados para a «Assembleia Nacional» em 1957, enchem de pânico a camarilha governante, que assim receta perder o seu domínio sobre o país.

Forém os salazaristas não se acham com forças suficientes para suprimirem completamente o sufrágio directo, para voltarem ao regime exclusivamente dicitatorial, com a chamada «representação corporativista». Como salientou o Dr. Albino dos Reis no encerramento do Congresso da «União Nacional», eles recebem que enveredando por esse caminho escabroso conduzam ao regime de «INSUCCESSO E A DERRO-CADA». Isto significa que os salazaristas se encontram divididos e indecisos quanto ao caminho a seguir para enfrentarem o embate com as forças da oposição anti-

-salazarista, se estas se apresentarem unidas e organizadas nas futuras eleições para deputados e para a Presidência da República.

Um papel decisivo cabe às forças da oposição anti-salazarista: tornar impossível tal manobra do governo de Salazar! Se as forças da oposição, em primeiro lugar os partidos e forças democráticas, se unirem para uma acção imediata no sentido de forçar o regime a respeitar a sua própria Constituição e se essa acção for suficientemente forte para impedir essa manobra, A PRIMEIRA GRANDE VITÓRIA DAS FORÇAS DEMOCRÁTICAS E ANTI-SALAZARISTAS ESTARÁ AO NOSSO ALCANCE! E, pois, a primeira batalha que temos pela frente e para ela temos de saber unir os nossos esforços!

Não tenhamos dúvidas, se forçarmos o governo a recuar nesta manobra, a desagração do regime apressar-se-á mais ainda e o caminho para uma solução pacífica do problema político nacional tornar-se-á mais fácil.

O nosso êxito, nesta primeira batalha, depende unicamente da unidade das forças da oposição anti-salazarista!